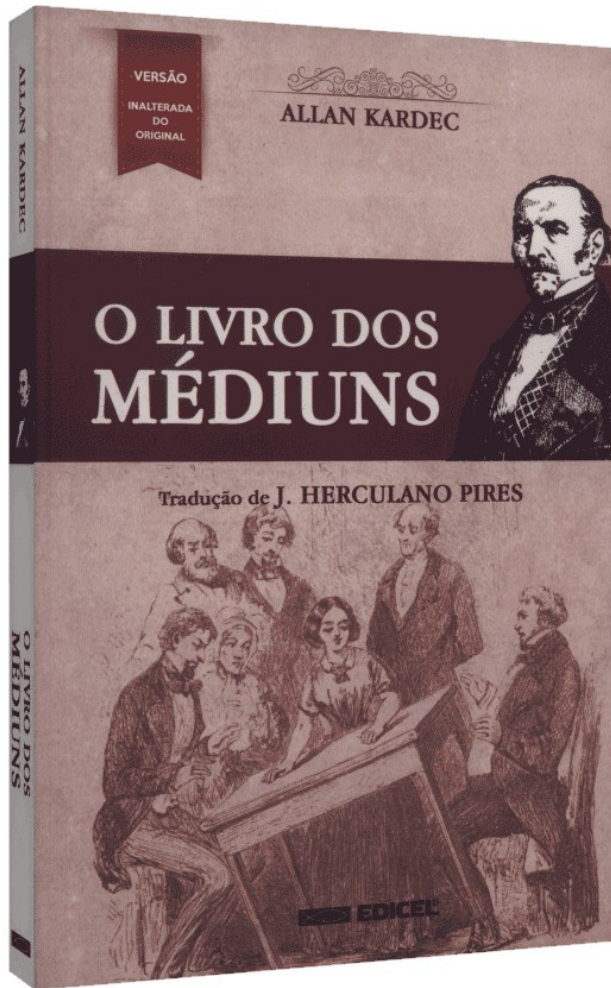


Da identificação dos Espíritos



“Meus bem-amados, não creiais em todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque muitos falsos profetas já se têm levantado no mundo.”

(I João 4,1)



CAPÍTULO XXIV

Identidade dos Espíritos

- Provas possíveis de identidade
- Distinção entre os Espíritos bons e os maus
- Perguntas sobre a natureza e a identidade dos Espíritos

Lógica, Bom Senso e Razão

“[...] A fé necessita de uma base, e essa base é a perfeita compreensão daquilo em que se deve crer. **Para crer, não basta ver; é preciso, sobretudo, compreender.** A fé cega já não é deste século. [...] porque ela pretende impor-se, exigindo a abdicação de uma das mais preciosas prerrogativas do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio. [...] **A fé raciocinada, a que se apoia nos fatos e na lógica,** não deixa nenhuma obscuridade; a criatura acredita porque tem certeza, e tem certeza porque compreendeu. Eis por que não se dobra. *Fé inabalável é somente a que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade.*” (ESE, cap. XIX)

Lógica:

1. [Filosofia] Ramo da filosofia que estuda o raciocínio e as operações para determinar o que é verdadeiro.
2. Livro ou tratado desse ramo da filosofia.
3. Maneira de raciocinar ou de argumentar.
4. [Figurado] Conformidade ou encadeamento entre fatos ou ideias (ex.: o que ele disse não tem lógica). = COERÊNCIA, NEXO (PRIBERAM)

Senso:

1. Juízo claro. = PRUDÊNCIA, SISO
2. Capacidade para sentir (ex.: ele não tem senso de humor). = SENTIDO
3. Capacidade de pensar. = JUÍZO, PENSAMENTO, RACIOCÍNIO
4. Direção, rumo.

bom senso

- Equilíbrio nas decisões ou nos julgamentos em cada situação que se apresenta. (PRIBERAM)

Razão:

1. O conjunto das faculdades intelectuais. = COMPREENSÃO, INTELIGÊNCIA
2. Fonte do raciocínio.
3. Capacidade para decidir, para formar juízos, inferências ou para agir de modo lógico de acordo com um pensamento. = DISCERNIMENTO, JUÍZO, LUCIDEZ
4. Comportamento ou pensamento que se considera justo, legítimo ou correto. = LEGITIMIDADE
5. Justiça, dever, equidade.



Razão:

6. Raciocínio que conduz a outro ou a uma conclusão. = ARGUMENTO
7. Aquilo que explica alguma coisa ou que faz com que algo exista ou aconteça. = CAUSA, MOTIVO
8. Prova, fundamento.
9. Firma que adota uma casa de comércio.
10. [Matemática] Quantidade que numa progressão opera sempre do mesmo modo. (PRIBERAM)

O Livro dos Espíritos, Introdução VI:

“[...] [o Espiritismo] não tem segredos para ninguém. Fala uma linguagem clara, sem ambiguidades. Nada há nele de místico, nada de alegorias suscetíveis de falsas interpretações. Quer ser compreendido por todos, porque são chegados os tempos de fazer-se que os homens conheçam a verdade. Longe de se opor à difusão da luz, ele a quer para todo o mundo. Não exige crença cega; quer que o homem saiba por que crê. Apoiando-se na razão, o Espiritismo será sempre mais forte do que os que se apoiam no nada.”

O Livro dos Médiuns, cap. XX, item 230:

“Na dúvida, abstém-te, diz um dos vossos velhos provérbios. Não admitais, portanto, senão o que seja para vós de inegável evidência. Quando aparecer uma ideia nova, por menos duvidosa que vos pareça, fazei-a passar pelo crivo da razão e da lógica e rejeitai corajosamente o que a razão e o bom senso reprovarem. **É melhor repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea.**

§]→

Efetivamente, sobre essa teoria poderíeis edificar um sistema completo, que desabaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre areia movediça, ao passo que, se rejeitardes hoje algumas verdades, porque não vos são demonstradas clara e logicamente, mais tarde um fato brutal ou uma demonstração irrefutável virá vos afirmar a sua autenticidade.”

(*LM*, cap. XX, item 230)

Revista Espírita 1860, mês de janeiro, artigo “O Espiritismo em 1860”:

“Os adversários do Espiritismo atribuem sua rápida propagação a uma febre supersticiosa que se apodera da Humanidade: o amor do maravilhoso. Antes, porém, precisariam ser lógicos; aceitaremos o seu raciocínio – se é que a isso podemos chamar raciocínio – quando tiverem explicado claramente por que essa febre atinge justamente as classes esclarecidas da sociedade, em vez das ignorantes. Quanto a nós, dizemos que é porque o Espiritismo apela ao raciocínio, e não à crença cega, que as classes esclarecidas o examinam, refletem e o compreendem. Ora, as ideias supersticiosas não suportam o exame.”

Revista Espírita 1860, mês de abril artigo “Formação da Terra”:

“[...] Importa que seja bem constatado, pelos que julgam as coisas sem as conhecer, que o Espiritismo está longe de tomar por artigo de fé tudo quanto vem do mundo invisível; assim, como pretendem, ele não se apoia numa crença cega, mas na razão. [...]”

Provas possíveis de identidade

O Livro dos Médiuns, cap. XXIV, lemos:

“255. A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. De fato, os Espíritos não nos trazem uma carteira de identidade e sabe-se com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. Justamente por isso, esta questão de identidade é, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades que apresenta o Espiritismo prático. Todavia, em muitos casos, a identidade absoluta não passa de questão secundária e sem importância real.



A identidade de personagens antigas é a mais difícil de se conseguir, tornando-se muitas vezes impossível mesmo, de modo que ficamos limitados a uma apreciação puramente moral. Julgam-se os Espíritos, como os homens, pela sua linguagem. Se um Espírito se apresenta com o nome de Fénelon, por exemplo, e diz trivialidades e puerilidades, está claro que não pode ser ele. Porém, se as coisas que diz são dignas do caráter de Fénelon e este não as desaprovava, haverá, quando não uma prova material, pelo menos toda probabilidade moral de que seja de fato ele. [...].” (LM, cap. XXIV, item 255)

“Dá-se a mesma coisa todas as vezes que um Espírito superior se comunica espontaneamente, sob o nome de uma personagem conhecida. Nada prova que seja exatamente o Espírito dessa personagem; porém, se ele nada diz que desminta o caráter desta última, há presunção de que seja ele, podendo-se dizer, em todos os casos que, se não é ele, é um Espírito do mesmo grau de elevação ou talvez até um enviado seu. [...].

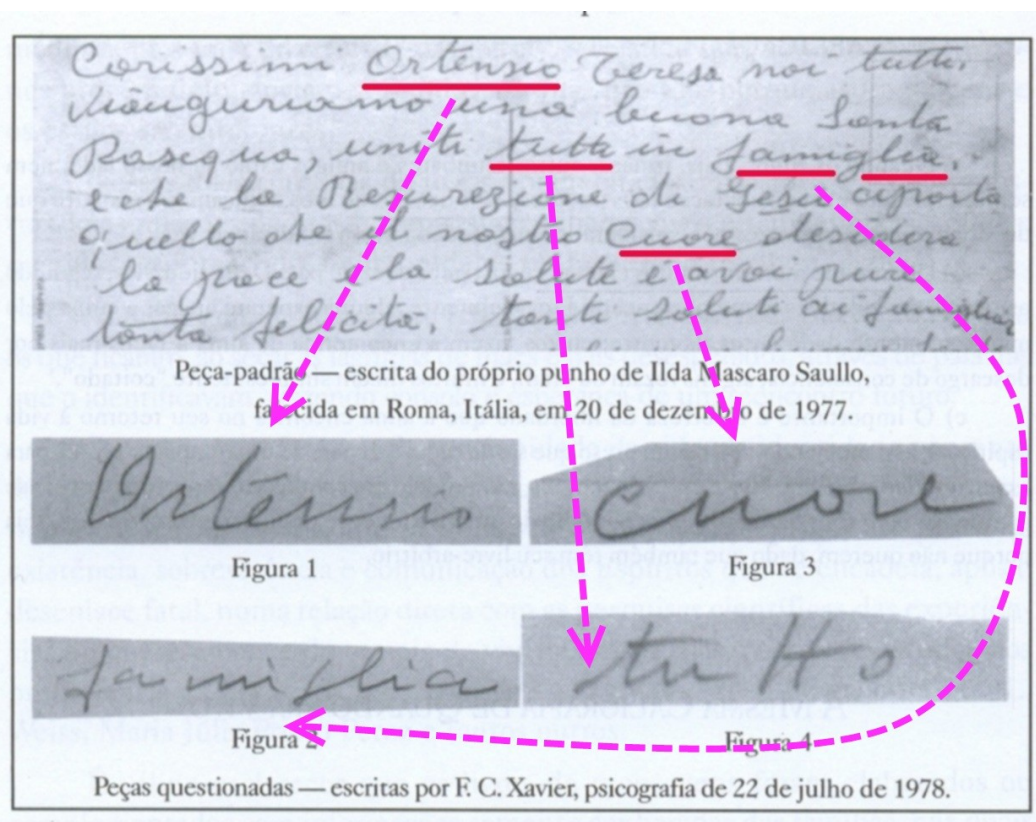


A situação é outra, quando um Espírito de ordem inferior se enfeita com um nome respeitável, para dar mais crédito às suas palavras. Este caso é de tal modo frequente que toda precaução não será exagerada contra semelhantes substituições. É graças a esses nomes emprestados e, sobretudo, com o auxílio da fascinação, que alguns Espíritos sistemáticos, mais orgulhosos do que sábios, procuram fazer que se aceitem as mais ridículas ideias.” (*LM*, cap. XXIV, item 256)

“257. A identidade é muito mais fácil de ser comprovada quando se trata de **Espíritos contemporâneos**, cujos hábitos e características são conhecidos, porque são justamente esses hábitos, de que ainda não tiveram tempo de abandonar, que nos permitem reconhecê-los, constituindo isso um dos sinais mais seguros de identidade. O Espírito, sem dúvida, pode dar provas de identidade, em atenção ao pedido que se lhes faça nesse sentido, mas só o faz quando isso lhe convém. [...]” (LM, cap. XXIV)

“260. Pode-se também incluir entre as provas de identidade a semelhança da caligrafia e da assinatura. Mas, [...] não representa, invariavelmente, uma garantia suficiente. Há falsários no mundo dos Espíritos, como os há na Terra. Ainda aqui, essa semelhança de caligrafia não é mais do que uma presunção de identidade, que só adquire valor pelas circunstâncias que a acompanhem. Dá-se a mesma coisa com todos os sinais materiais, que algumas pessoas têm como talismãs inimitáveis para os Espíritos mentirosos. [...] A melhor de todas as provas de identidade está na linguagem e nas circunstâncias fortuitas.” (*LM*, cap. XXIV)

Especificamente, quanto à falsificação da assinatura, somos da opinião de ser raridade, pois no mundo físico é reduzido o número de falsários, por ser uma habilidade excepcional, que produz um contingente bem escasso de “especialistas” no plano espiritual.



A Psicografia à Luz da Grafoscopia, autoria do Prof. Carlos Augusto Perandrêa, perito judiciário em Documentoscopia desde 1965. Foi grafotécnico do Banco do Brasil de 1965 a 1970.

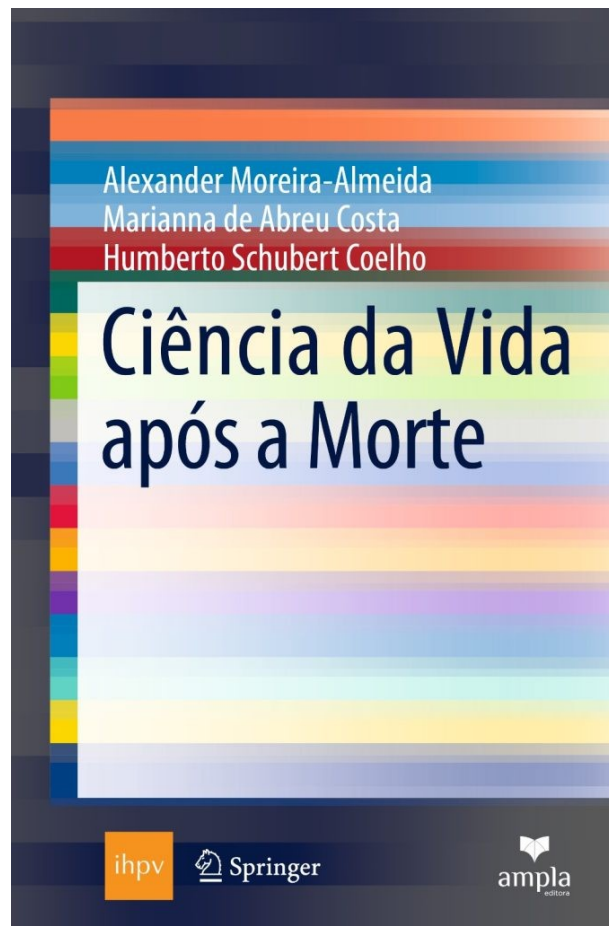
No cap. – Autógrafos de pessoas mortas obtidos por médiuns constante de *Pesquisas sobre mediunidade* (1898), Gabriel Delanne explica que:

“[...] A escrita é uma arte técnica que se aprende a utilizar como se aprende a tocar um instrumento. Necessita de associações ideomotoras que são exclusivamente individuais e que diferem conforme a idiossincrasia de cada indivíduo. É absolutamente impossível reproduzir uma letra que não se viu, e se o fato acontece, não apenas é a prova de que uma inteligência diferente da do médium se manifestou, mas também uma demonstração da personalidade do espírito, já que outro não conseguiria chegar a essa identidade.”

Em *No Invisível*, autoria de Léon Denis, cap. XXI – Identidade dos Espíritos, lemos:

“[...] O habitante do plano invisível tem que vencer muitos obstáculos para se comunicar. Os meios de que dispõe para nos esclarecer e persuadir são restritos. Ele não se pode manifestar sem médium e o médium, inconscientemente, introduz quase sempre uma parte de si mesmo, de sua mentalidade, nas manifestações.”

Da linguagem



“Para reconhecer uma alegada personalidade como tendo sobrevivido após a morte, devemos esperar características pessoais específicas que se manifestariam através dos meios que estivessem à disposição (exemplo: o corpo de um médium, um novo corpo em caso de reencarnação) (Almeder, 1992; Braude, 2003; Stevenson, 1977). Por exemplo:

- **Memória**
 - Ser capaz de lembrar fatos, idealmente em grande quantidade, com precisão e cobrindo diversos tópicos;
 - Identificar pessoas conhecidas da alegada personalidade quando em vida.
- **Habilidades da alegada personalidade**
 - Falar ou escrever em idioma estrangeiro;
 - Artísticas: poesia, prosa, pintura, tocar um instrumento musical etc.;
 - Caligrafia.
- **Traços de personalidade**
 - temperamento, caráter, estilo pessoal.”

O Livro dos Médiuns, cap. XXIV, temos:

“261. Certamente replicarão que se um Espírito pode imitar uma assinatura, também pode imitar perfeitamente a linguagem de outra pessoa. É verdade. Temos visto alguns que tomavam afrontosamente o nome do Cristo e, para melhor enganarem, simulavam o estilo evangélico e esbanjavam a torto e a direito estas palavras bem conhecidas: Em verdade, em verdade vos digo. Quando, porém, se estuda o ditado em seu conjunto, de mente aberta, perscrutando o fundo das ideias, o alcance das expressões, e se veem recomendações pueris e ridículas, ao lado de belas máximas de caridade, seria preciso estar fascinado para se deixar enganar.

Sim, certos aspectos formais de linguagem podem ser imitados, mas não o pensamento. Jamais a ignorância imitará o verdadeiro saber e jamais o vício imitará a verdadeira virtude. Sempre aparecerá de algum lado a pontinha da orelha. É então que o médium, assim como o evocador, precisam de toda perspicácia e de toda ponderação para separar a verdade da mentira. Devem convencer-se de que os Espíritos perversos são capazes de todos os ardis e de que, quanto mais elevado for o nome com que um Espírito se apresente, tanto maior desconfiança deve inspirar. Quantos médiuns têm recebido comunicações apócrifas assinadas por Jesus, Maria ou algum santo venerado!” (LM, cap. XXIV, item 261)

O Livro dos Médiuns, cap. XXIV, se lê:

“263. Já dissemos que os Espíritos, como os homens, **devem ser julgados pela linguagem de que se servem**. Suponhamos que um homem receba vinte cartas de pessoas que lhe são desconhecidas. Pelo estilo, pelas ideias, por uma porção de indícios, enfim, julgará se aquelas pessoas são instruídas ou ignorantes, gentis ou mal-educadas, superficiais, profundas, frívolas, orgulhosas, sérias, levianas, sentimentais etc. Dá-se a mesma coisa com os Espíritos. [...] Pode-se estabelecer como regra invariável e sem exceção, que a linguagem dos Espíritos guarda sempre relação com o grau de elevação a que já tenham chegado. [...].

[...] A linguagem revela sempre a sua origem, se ja pelos pensamentos que traduz, seja pela forma, de modo que se um Espírito quiser iludir-nos sobre a sua pretensa superioridade, bastará conversarmos algum tempo com ele para a apreciarmos.” (*LM*, cap. XXIV, item 263)

Na *Revista Espírita 1859*, mês fevereiro, lê-se:

“[...] Em resumo, toda expressão grosseira ou simplesmente inconveniente, toda marca de orgulho e de presunção, toda máxima contrária à sã moral, toda heresia científica notória, é, entre os Espíritos, como entre os homens, um sinal incontestável de má natureza, de ignorância ou pelo menos de leviandade. De onde se segue que é preciso pesar tudo o que dizem e fazê-los passar pelo crisol da lógica e do bom senso; é uma recomendação que nos fazem, sem cessar, os bons Espíritos. ‘Deus, nos dizem, não vos deu o julgamento para nada; servi-vos dele, pois, para saber com quem tendes relação.’ →

Os maus Espíritos temem o exame; eles dizem: 'Aceitai nossas palavras e não as julgueis.' Se tivessem a consciência de estar com a verdade, não temeriam a luz.

O hábito de escutar as menores palavras dos Espíritos, de pesar-lhes o valor, (do ponto de vista do pensamento, e não da forma gramatical, com a qual têm pouco cuidado,) distancia forçosamente os Espíritos mal intencionados, que não vêm, então, perder inutilmente seu tempo, [...]. Mas quando se aceita cegamente tudo o que dizem, que se coloca, por assim dizer, de joelhos diante de sua pretensa sabedoria, fazem o que fariam os homens – disso abusam.” *(RE 1859)*

Revista Espírita 1861, mês de julho, “Conversas familiares do além-túmulo”: Os amigos não nos esquecem no outro mundo:

“Essas provas de identidade são aqui todas morais e não ressaltam de nenhum sinal material, nem de nenhuma dessas perguntas pueris que algumas pessoas fazem frequentemente com esse objetivo. As provas morais são as melhores e as mais seguras, tendo em vista que os sinais materiais podem sempre serem imitados por Espíritos enganadores; aqui, o Espírito se fez reconhecer pelos seus pensamentos, seu caráter, a elevação e a nobreza do estilo.

§]→

Um Espírito enganador poderia certamente tentar imitá-las sob esse aspecto, mas isso não seria jamais senão uma imitação grosseira, e como o fundo faltaria nela, não poderia imitar senão a forma, e, aliás, não poderia sustentar por muito tempo o seu papel.” *(RE 1861)*

Distinção entre os Espíritos bons e maus

O Livro dos Médiuns, cap. XXIX, temos:

“262. Se a identidade absoluta dos Espíritos é, em muitos casos, uma questão acessória e sem importância, o mesmo já não se dá com a distinção a ser feita entre os Espíritos bons e os maus. A individualidade deles pode até nos ser indiferente; nunca, porém, suas qualidades morais. Em todas as comunicações instrutivas, é sobre esse ponto que devemos concentrar toda a nossa atenção, porque só ele nos pode dar a medida da confiança que podemos depositar no Espírito que se manifesta, seja qual for o nome com que se apresente.

§]→

O Espírito que se manifesta é bom ou mau? Em que grau da escala espírita se encontra? Eis a questão capital. (Veja-se Escala espírita, em *O livro dos espíritos*, questão 100.)” (LM, cap. XXIX)

1ª Ordem

Os que já alcançaram a perfeição

1ª Classe: Puros



2ª Ordem

Predomínio do Espírito sobre a matéria; desejo de fazer o bem.

2ª Classe: Superiores

3ª Classe: Espíritos de Sabedoria

4ª Classe: Sábios

5ª Classe: Benevolentes



3ª Ordem

Predomínio da matéria sobre o Espírito; propensão ao mal; ignorância, orgulho, egoísmo e todas as paixões que lhe são conseqüentes. Têm a intuição de Deus, mas não O compreendem; apresentam idéias pouco elevadas.

6ª Classe: Batedores e Pertubadores

7ª Classe: Neutros

8ª Classe: Pseudossábio

9ª Classe: Levianos

10ª Classe: Impuros



O Livro dos Médiuns, cap. XXIV, lemos:

“266. Se submetermos todas as comunicações a um exame escrupuloso, perscrutando e analisando suas ideias e expressões, como fazemos quando se trata de julgar uma obra literária, rejeitando, sem *hesitação*, tudo o que for contrário à lógica e ao bom senso, tudo o que desminta o caráter do Espírito que supomos esteja se manifestando, levaremos os Espíritos mentirosos ao desânimo, os quais acabam por se retirar, desde que fiquem bem convencidos de que não conseguirão nos enganar.

§]→

Repetimos: este é o único meio, porém, meio infalível, porque não há comunicação má que resista a uma crítica rigorosa. Os Espíritos bons nunca se ofendem com ela, pois eles mesmos nos aconselham a examinar as comunicações, já que não têm nada a temer do exame. Somente os maus se ofendem e procuram evitar a crítica, porque têm tudo a perder. Só por isso provam o que são.” (*LM*, cap. XXIV, item 266)

Eis o conselho que a tal respeito deu São Luís:

“Qualquer que seja a confiança legítima que vos inspirem os Espíritos que presidem aos vossos trabalhos, **há uma recomendação** que nunca seria demais repetir e que deveríeis ter presente sempre na vossa lembrança, quando vos entregais aos vossos estudos: **é a de pesar, meditar e submeter ao controle da razão mais severa todas as comunicações que receberdes**; é a de não deixardes de pedir as explicações necessárias, a fim de que possais formar uma opinião segura, toda vez que um ponto vos pareça suspeito, duvidoso ou obscuro.” (*LM*, cap. XXIV, item 266)

“267. Os meios de se reconhecer a qualidade dos Espíritos podem ser resumidos nos seguintes princípios:

[São listados nada menos que 26 itens]

Todas estas instruções resultam da experiência e dos ensinamentos dos Espíritos. Vamos completá-las com as próprias respostas que eles deram sobre os pontos mais importantes.” (*LM*, cap. XXIV)

Estado Vibracional

O Livro dos Médiuns, cap. XXIX, item 268:

“28. Muitos médiuns reconhecem os Espíritos bons e os maus pela impressão agradável ou penosa que experimentam à aproximação deles. Perguntamos se a impressão desagradável, a agitação convulsiva, o mal-estar, em suma, são sempre indícios de má natureza dos Espíritos que se manifestam?”

“O médium experimenta as sensações do estado em que se encontra o Espírito que dele se aproxima. Quando feliz, o Espírito é tranquilo, leve, refletido; quando infeliz, é agitado, febril, e essa agitação se transmite naturalmente ao sistema nervoso do médium. Aliás, dá-se a mesma coisa com o homem na Terra: o bom é calmo, tranquilo; o mau está constantemente agitado.”

“18. [...] É preciso também que leveis em conta as qualidades do Espírito familiar, que pode ser bom ou mau, conforme sua simpatia à pessoa a quem se ligue. O Espírito familiar de um homem mau é um Espírito mau, cujos conselhos podem ser perniciosos, mas que se afasta e cede o lugar a um Espírito melhor, desde que o próprio homem se melhore. **O semelhante atrai o semelhante.**” (*LM*, cap. XXVI, item 291)

Do item 227, cap. XX – Influência moral do médium, de *O Livro dos Médiuns*, transcrevemos:

“Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande quanto ao aspecto moral. Visto que o Espírito estranho precisa identificar-se com o Espírito do médium para que se verifique a comunicação, esta identificação só ocorre plenamente quando há simpatia entre eles, ou afinidade, se assim nos podemos expressar. A alma exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração ou de repulsão, conforme o grau de semelhança ou de diferença entre eles. §]→

Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, de onde se conclui que as qualidades morais do médium exercem influência muito importante sobre a natureza dos Espíritos que por eles se comunicam. Se o médium é vicioso, os Espíritos inferiores se agrupam em torno dele e estão sempre prontos a tomar o lugar dos Espíritos bons que foram evocados. §]→

As qualidades que, de preferência, atraem os Es píritos bons são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor ao próximo, o desprendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria.” (*LM*, cap. XX, item 227)

Comunicações Apócrifas

“Espíritos pouco adiantados, porém animados de boas intenções e do desejo de progredir, não são às vezes designados para substituir um Espírito superior, a fim de que tenham oportunidade de se exercitarem no ensino de seus irmãos?”

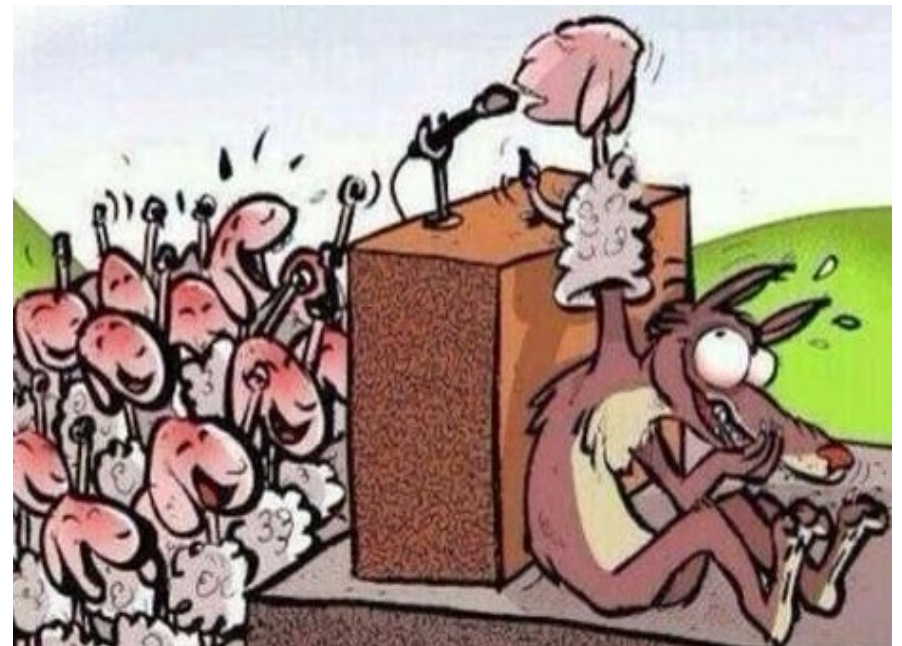
‘Nunca, nos grandes centros; quero dizer, nos centros espíritas sérios e quando se trate de ministrar um ensinamento geral. Os que aí se apresentam agem por sua própria conta, para, como dizeis, se exercitarem. É por isso que suas comunicações, ainda que boas, trazem sempre a marca da inferioridade deles. São designados apenas para as comunicações de pouca importância e para as quais se podem chamar pessoais.’” (LM, cap. XXIV, item 268, q. 10)

“Já que alguns Espíritos podem enganar pela linguagem de que se utilizam, serão capazes também, aos olhos de um médium vidente, de tomar uma falsa aparência?”

‘Sim, porém mais dificilmente. No entanto, isso só acontece com um fim que os próprios Espíritos maus desconhecem. Eles servem, nesse caso, de instrumentos para uma lição. O médium vidente pode ver Espíritos levianos e mentirosos, como outros os ouvem ou escrevem sob a influência deles. Os Espíritos levianos podem aproveitar-se dessa disposição para o enganar, por meio de falsas aparências. Isso, porém, depende das qualidades do Espírito do próprio médium.’” (LM, cap. XXIV, item 268, q. 14)

Revista Espírita 1863, mês de setembro, Allan Kardec cita esta orientação de Santo Agostinho:

“Observai e estudai com cuidado as comunicações que vos são feitas; aceitai o que vossa razão não rejeite, repeli o que a choque; pedi esclarecimento sobre as que vos deixam na dúvida. Tendes aí o caminho a seguir para transmitir, às gerações futuras, sem medo de vê-las desnaturadas, as verdades que distinguís sem dificuldade no seu cortejo inevitável de erros.”



Alguém saberia dizer algo sobre São Luís
diante da Codificação Espírita?

Revista Espírita 1859

Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas
Sexta-feira, 21 de outubro de 1859.
(Sessão particular)

“3º O senhor Leid... propôs a evocação de um de seus amigos, sacerdote quando vivo. **São Luís, interrogado, respondeu:** Não; porque, primeiro, o tempo não nos permite; em seguida, eu, como **Presidente Espiritual da Sociedade,** nisto não vejo nenhum motivo de instrução. Será preferível fazer esta evocação na Intimidade.”

Revista Espírita 1860, mês de junho:

Sexta-feira, 11 de maio de 1860. (Sessão geral):

2º Perguntas relativas à visão do Sr. T..., dirigidas a São Luís. O vago e a incoerência das respostas acusam, evidentemente, a intromissão de um Espírito enganador.

Sexta-feira, 18 de maio de 1860. (Sessão particular):

P. Por que São Luís não se comunicou, na última sexta-feira, pelo Sr. Didier, e deixou que falasse um Espírito enganador? – R. São Luís estava presente, mas não quis falar. Aliás, não reconheceste que não era São Luís? É o essencial. Não fostes enganados, do momento que reconheceste a impostura.

P. Com que objetivo não quis falar? – R. Podes perguntara ele mesmo; está aqui.

P. São Luís, poderíeis fazer-nos conhecer o motivo de sua abstenção? – R. Ficaste contrariado com o que se passou, mas deves entretanto saber que nada ocorre sem motivo. Há, frequentemente, coisas das quais não compreendeis o objetivo; que vos parecem más à primeira vista, porque sois muito impacientes, mas das quais, mais tarde, reconheceréis a sabedoria. Esteja, pois, tranquilo, e não te inquietes com nada; sabemos distinguir aqueles que são sinceros e velamos sobre eles.” *(RE 1860, jun.)*

Em *O Livro dos Médiuns*, cap. XXXI – Dissertações espíritas, tópico “Comunicações apócrifas”, e na *Revista Espírita* vamos encontrar falsas mensagens assinadas por:

- Padre Ambroise
- Clément XIV
- São Vicente de Paulo (três)
- Chateaubriand
- Jobard
- Napoleão
- Jesus (duas)
- Bosseut, Alfred de Marignac

Após as duas mensagens com assinatura Jesus:

“OBSERVAÇÃO – Sem dúvida, nada há de mau nestas duas comunicações. Porém, será que o Cristo teve alguma vez essa linguagem pretensiosa, enfática e empolada? **Faça-se a sua comparação com a que citamos atrás e ver-se-á de que lado está o cunho da autenticidade.**

Todas estas comunicações foram obtidas no mesmo círculo. Nota-se, no estilo, um certo tom familiar, uma mesma maneira de escrever, as mesmas expressões repetidas com frequência, como: ide, ide, filhos etc., pelo que se pode concluir que elas foram dadas pelo mesmo Espírito, sob nomes diferentes. [...]” (LM, cap. XXXI)

“Venho eu, vosso **Salvador** e vosso juiz; **venho, como outrora**, aos transviados filhos de Israel; trazer a verdade e dissipar as trevas. O Espiritismo, como **antigamente o fez a minha palavra**, tem de lembrar aos materialistas [...].

Mas, ingratos, os homens se desviaram do caminho largo e reto que conduz ao **reino de meu Pai**, perdendo-se nos ásperos atalhos da impiedade.

[...] **Só muito raramente me comunico**. Meus amigos, os que hão assistido à minha vida e à minha morte são os intérpretes divinos das **vontades de meu Pai**.

Sinto-me tomado de muita compaixão pelas vossas misérias, pela vossa imensa fraqueza, para não deixar de estender a mão em socorro dos infelizes transviados que, vendo o céu, caem no abismo do erro.” (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXXI, mensagem IX)

O importante nessa comunicação é a nota que, logo após, Kardec coloca; vejamo-la:

“Obtida por um dos melhores médiuns da Sociedade Espírita de Paris,

O importante nessa comunicação é a nota que, logo após, Kardec coloca; vejamo-la:

“Obtida por um dos melhores médiuns da Sociedade Espírita de Paris, essa comunicação foi assinada por um nome que o respeito não nos permite reproduzir, senão sob todas as reservas, tão grande seria o insigne favor de sua autenticidade e porque dele muitas vezes se tem abusado demais, em comunicações evidentemente apócrifas; **esse nome é o de Jesus de Nazaré**. Não duvidamos, de modo algum que Ele possa manifestar-se, mas se os Espíritos verdadeiramente superiores somente o fazem em circunstâncias excepcionais,

§]→

a razão nos proíbe acreditar que o **Espírito puro por excelência** responda ao chamado do primeiro que apareça. [...].

É por estas considerações que **temos sempre evitado de publicar algo que traga esse nome**, e julgamos que ninguém será cuidadoso excessivamente no tocante a publicações deste gênero, que só têm autenticidade para o amor-próprio e cujo **menor inconveniente é fornecer armas aos adversários do Espiritismo**.

Como já dissemos, quanto mais elevados são os Espíritos na hierarquia, com tanto mais desconfiança devem os seus nomes ser acolhidos nos ditados. [...].

Na comunicação acima, reconhecemos apenas uma coisa: é a superioridade incontestável da linguagem e das ideias. **Deixamos, porém, que cada um julgue por si mesmo se aquele de quem ela traz o nome a desaprovava, ou não."**

(O Livro dos Médiuns, cap. XXXI, mensagem IX.

Referências bibliográficas:

DELANNE, G. *Pesquisas sobre Mediunidade*. Limeira (SP): Editora do Conhecimento, 2010.

DENIS, L. *No Invisível*. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*. Brasília: FEB, 2013.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1859*. Araras (SP): IDE, 1993.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1860*. Araras (SP): IDE, 2000.

KARDEC, A. *Revista Espírita 1863*. Araras (SP): IDE, 2000.

MOREIRA-ALMEIDA, A., COSTA, M. A. e COELHO, H. S. *Ciência da Vida após a Morte*. Belo Horizonte: Ampla, 2023.

PERANDRÉA, C. A. *A Psicografia à Luz da Grafoscopia*, São Paulo; FÉ, 1991.

Capa:

https://3.bp.blogspot.com/-g4Le6aScNq8/WfB21_2Ocpl/AAAAAAAAAMAQ/E9dnA4nE1Go_cEVYZLLSaYwXVMa9Vm_ngCLcBGAs/s1600/reuniao%2Bmediunica2.jpg

Escala espírita: <http://www.guia.heu.nom.br/images/ClasseDeEspiritos2.jpg>

Falso profeta: <https://www.abim.inf.br/wp-content/uploads/2018/04/kakistocracia-2-701x431.jpg>

Site:
www.paulosnetos.net

Email:
paulosnetos@gmail.com